

Maracujá azedo como limão

VILLAS-BÔAS CORRÊA *

A primeira vista, parece den-
gue que insinua aceno de
paz depois de arrufo. Tão mal-
tratada pelas sinuosidades do
real, a classe média recebeu como
um afago que não chegou a da-
sarmar sua repulsa, mas afinal,
sempre um gesto de simpatia, os
Índices de Preços ao Consumidor
(IPC-RJ), ontem divulgados pela
Fundação Getúlio Vargas, anun-
ciando aos quatro ventos a infla-
ção na invicta cidade de São Se-
bastião do Rio de Janeiro,
batendo em 0,62% em setembro,
contra 0,84% de agosto.

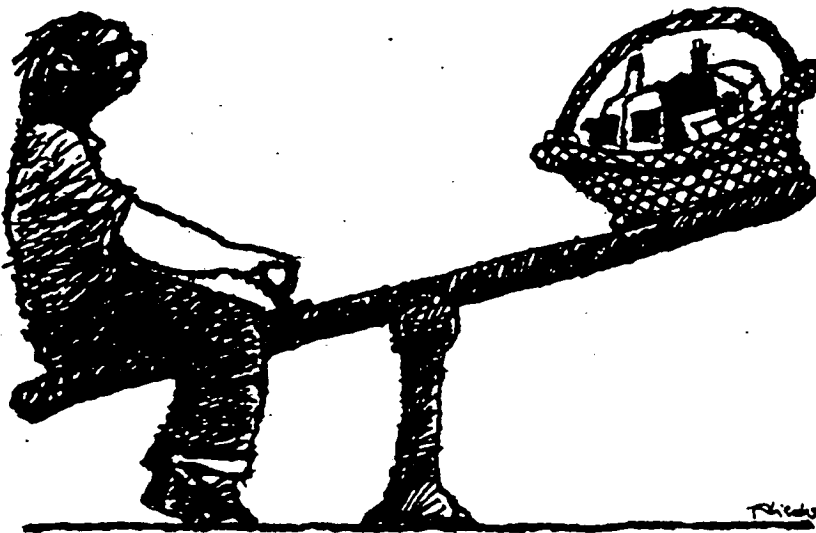
Não é nada, não é nada, é a
menor alta do custo de vida no
Rio desde a implantação do Pla-
no Real.

Ora, o índice recordista, com
fumaças de primeiro mundo, não
pode deixar de aliviar a barra de
todo mundo, sem discriminar fai-
xas de renda. Afinal, começa a
c chegar, de leve, a vez da coitadi-
nha da classe média, a grande
vítima do arrocho que a escalou
para pagar a conta.

Mas, a bulha da badalação
não sopra areia nos olhos ardidos
de quem se esbofa, todo meio de
mês, para enfrentar a segunda
quinzena, de língua de fora, limi-
tes estourados do cartão de crédito
e a pilha de contas a pagar.
Afinal, a diferença a menos de
0,22% do mês anterior não deu
para ser percebida em bolsos va-
zios e contas no vermelho.

Ainda não é o pior. Na expli-
cação dos especialistas para a
mágica do segundo índice de cus-
to de vida com majorações suaves
como a brisa, nas desprezadas ca-
sas dos decimais, a classe média
confere o logro e confirma que
continua penando, como alma no
purgatório.

O tombo, na verdade a escor-
regadela em piso ensaboado, de-
ve-se em boa parte à redução nos
preços dos alimentos e do vestuá-
rio. Ora, roupa não se compra



todos os dias. Menos ainda quem
anda remendando o esgarçado
dos fundilhos e serzindo o calca-
nhar das meias rotas.

Comida já é outra conversa. A
alegria do pobres na adesão ma-
gica ao real justifica-se pela estabi-
lidade da cesta básica.

Renda familiar acima de cinco
salários-mínimo dá-se, ou dava-
se, a certos requintes modestos: a
cerveja do fim de semana, o ajan-
tarado domingueiro mais capri-
chado. E a gangorra dos alimen-
tos registra o sobe e desce de
preços pelos desatinos do inexplicá-
vel. Pois não é que o maracujá
de refrescos adocicados e de efei-
tos relaxantes deu um salto biruta
de 66,54%. Bem, vá lá. Maracujá
tem seus degustadores habituais,
mas não vicia. Quem tiver juízo e
um mínimo de atenção não com-
prará um mísero maracujá mur-
cho de gaveta até que a ganân-
cia absorva a lição do protesto
militante e baixe os preços.

Na calda do maracujá, o humí-
limo limão, que dá em qualquer
palmo de terreno onde se plante
muda de limoeiro que cresce em
meses acima da altura do muro,
disparou, em um mês, 57,21%.
Um limãozinho faz falta. Mas, dá
para economizar.

Na moita, aproveitando a ba-
rulinha dos anúncios milionários

que inundam as TVs, os rádios,
as revistas e os jornais, a cerveja
emplacou um reajuste de 10,23%.
Não há para quem apelar. Goela
que não dispense o copo da loira
borbulhante, de gelada sedução;
tem mesmo que raspar o fundo da
carteira e conformar-se.

Duro, de rilhar dentes de rai-
va, é a insistência despudorada
do aumento dos preços de servi-
ços. Tapar o buraco do dente está
custando mais 10,43%; os servi-
ços de saúde e higiene mais
1,91%. E, fechando a lista, com
estridência do desafio, a o despu-
dor do deboche, o custo da habi-
tação, o aluguel do infeliz que
não conseguiu comprar a casa su-
burbana ou o apartamento de
quarto e sala, subiu 5,03%.

A classe média já tem seus mo-
tivos para acariciar esperanças.
Com o mais cauteloso comedi-
mento.

E suas aperturas, sua silêncio-
sa indignação não devem apenas
apoquentá-la. Espalham preocu-
pações que alcançam em cheio ao
governo, como uma sacudidela de
alarme.

Se o quadro não se altera, com
a participação de toda a socieda-
de no êxito do plano econômico
— e não apenas segmentos distin-
guídos por singulares privilégios
— breve se esgotará a paciência e

o fôlego da tradicional formado-
ra da opinião pública. E ela irá à
forra, entornando o caldo e vi-
rando a mesa. No voto e, antes,
influindo decisivamente na cam-
panha.

O presidente Fernando Henri-
que Cardoso rega todos os dias,
com sorrisos, promessas e proje-
tos, o canteiro de suas ambições.
E que não se esgotam nos quatro
anos do atual mandato. Necessita,
do sucesso para cimentar a base
de sustentação parlamentar, ner-
vosa e chiliquenta como um pee-
medebista da novíssima ala an-
dradina.

Para agora, para já. Pavimen-
tando o piso do futuro. De olhos
pregados na reeleição, FHC joga
todas as fichas num quadro, em
96 e 97, armado com a equação
única que viabiliza seu esquema.
Numa das pontas, a chama acesa
do medo da esquerda. Indispensá-
vel que o PT emplume candida-
to — que deve ser, só pode ser o
Lula para a terceira tentativa —
que infle nas primeiras pesquisas
de tendência de voto, cutucando
o velho pavor da cambalhota do
poder.

Centristas, conservadores e
empreiteiros em pânico armam a
alvorçada caravana em busca do
candidato de salvação da lavou-
ra. E do resto. Se Fernando Henri-
que for a garantia da vitória
pela evidência da popularidade
bafejada por percentuais crescen-
tes, a pressão pela aprovação à
toque de caixa da emenda da ree-
leição despejará sobre o Congres-
so a avalanche que costuma der-
rubar resistências e operar o
impossível.

Depende do maracujá, do li-
mão, dos alugueis, da cerveja. Da
reconquista da classe média. Ar-
redia, amuada e desconfiada co-
mo criança que descobre os tru-
ques do mágico do circo.

JORNAL DO BRASIL 11 OUT 1995